

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**SEROPÉDICA: A OBSERVAÇÃO EMPÍRICA NA PRODUÇÃO DE  
IDENTIDADE REGIONAL E MEMÓRIA LOCAL DO MUNICÍPIO.**

**IGOR CASEMIRO**  
**2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**SEROPÉDICA: A OBSERVAÇÃO EMPÍRICA NA PRODUÇÃO DE  
IDENTIDADE REGIONAL E MEMÓRIA LOCAL DO MUNICÍPIO.**

**IGOR CASEMIRO**

**Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Andrade Rinaldi.**

Seropédica, RJ  
Junho/ 2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**IGOR CASEMIRO**

**SEROPÉDICA: A OBSERVAÇÃO EMPÍRICA NA PRODUÇÃO DE  
IDENTIDADE REGIONAL E MEMÓRIA LOCAL DO MUNICÍPIO.**

Monografia apresentada para conclusão do  
Curso de Licenciatura em história da  
Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro

MONOGRAFIA APROVADA EM ----/----/-----

---

Alessandra Andrade Rinaldi, ICHS/DCS/UFRRJ  
(Orientador)

---

Fábio Henrique Lopes ICHS/DH/UFRRJ

---

Ainda não sei.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus por estar concluindo um curso que sempre desejei, após anos de estudos na UFRRJ.

A todos meus professores da UFRRJ que me ajudaram em uma melhor construção acadêmica, mas principalmente para minha orientadora e professora Alessandra Rinaldi pela extrema paciência, apoio, dedicação e orientação no presente trabalho.

A minha mãe, amigos e família pela motivação e apoio ao longo da minha graduação.

A todos os amigos ao longo da graduação que me aconselharam para minha melhor formação acadêmica, e ajudaram na construção dessa monografia.

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, um sonho realizado através de muito esforço e trabalho.

## Sumário

|   |                                      |
|---|--------------------------------------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                          | <b>8</b>                             |
| <b>1.CAPÍTULO – RESUMO DAS ATIVIDADES .....</b> | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| 1.1.....  | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| 1.2 .....                                       | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| 1.3 .....                                       | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <b>2. CAPÍTULO – .....</b>                      | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| 2.1- .....                                      | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| 2.2- .....                                      | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <b>4.</b>                                       |                                      |
| 4.1- .....                                      | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| 4.2- .....                                      | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| 4.3- .....                                      | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| 4.4- .....                                      | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <b>5-CONCLUSÕES.....</b>                        | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>         | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |

## Sumário

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. Introdução _____</b>   | <b>03</b> |
| <b>2. Resumo das atividades _____</b>                                    | <b>04</b> |
| <b>2.1 Levantamento bibliográfico _____</b>                              | <b>04</b> |
| <b>3.Teoria e prática: Michel Agier e a antropologia da cidade _____</b> | <b>07</b> |
| <b>4. Exercício de escrita etnográfica _____</b>                         | <b>09</b> |
| <b>4.1 O impacto imobiliário _____</b>                                   | <b>09</b> |
| <b>4.2 Caderno de campo: Expo-Seropédica _____</b>                       | <b>10</b> |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>5. Oficinas de produção áudio-visual: Seropédica como espaço de observação empírica - O rural e o urbano</b> | <b>15</b> |
| <b>6. Atividades realizadas pelo bolsista</b>   | <b>17</b> |
| <b>7. Conclusão</b>   | <b>19</b> |
| <b>8. Bibliografia</b>  | <b>21</b> |
| <b>9. Cronograma</b>  | <b>22</b> |

## **RESUMO**

**Palavras chave:**

## INTRODUÇÃO

O projeto “Sem Nome do Pai” do Núcleo de Pesquisa CULTIS<sup>1</sup> – UFRRJ surge pautado na mobilização do ministério público a partir de uma iniciativa denominada “Em nome do pai” para incentivo à inserção do nome paterno nos registros de nascimento de jovens e crianças, tomando por princípio que a ausência paterna é tratada pelo Estado como uma das principais causas de delinqüência de jovens e crianças<sup>2</sup>.

Uma lacuna que tem toda uma carga de marginalização e descriminalização que traz uma questão psicológica da própria criança e sua sensação de abandono, um ganho familiar por parte da família paterna. Não um simples fator biológico, mas uma recuperação do princípio constitucional da responsabilidade paterna. Visando reduzir o numero de crianças que não possuem o registro paterno, pois segundo o Censo Escolar (2009) revelou que 4,85 milhões de alunos do país possuem filiação incompleta, sendo que, no Rio de Janeiro, 59.165 encontram-se nessa situação<sup>3</sup>.

O projeto “Sem Nome do Pai” entende que as questões da representação paterna na vida de um indivíduo são mais do que uma simples colocação biológica, de modo que o vácuo nessa representação deva ser discutido de forma política através da experiência dos que vivem essa situação.

Assim, o projeto “Sem nome do pai” tinha como proposta inicial intervir com jovens e adolescentes entre 15 e 18 anos, moradores de Seropédica, Paracambi e ou/Itaguaí. Nas primeiras etapas do projeto a equipe decidiu focar seu trabalho no município de Seropédica, adequando-se ao financiamento obtido junto à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa (FAPERJ), apenas um terço do inicialmente solicitado. Além disso, em função do perfil das parcerias encontradas naquele município, expandiu-se as atividades do projeto tanto para alunos do ensino médio quanto para alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas escolas da mesma região, que não possuem o registro de um pai na certidão de nascimento, para entender e debater a forma como convivem com essa situação e como as mulheres/mães relatam a “falta” de um suposto pai para com seus filhos.

O projeto inicial previa ainda a realização de cine-debates em instituições religiosas a fim de contatar mulheres cujos filhos são registrados sem o nome do pai e,

---

<sup>1</sup> CULTIS – Núcleo de Pesquisa em Cultura, Identidade e Subjetividade.

<sup>2</sup> Projeto SEM NOME DO PAI FAPERJ 2011

<sup>3</sup> [http://www.mp.rj.gov.br/portal/page/portal/Internet/Cidadao/Projetos/Em\\_Nome\\_Pai](http://www.mp.rj.gov.br/portal/page/portal/Internet/Cidadao/Projetos/Em_Nome_Pai)



junto a elas, problematizar esta situação. Em função da redução do escopo geral da proposta, focalizou-se a ação em instituições de ensino, descartando-se neste momento a intervenção em instituições religiosas.

O Projeto Sem Nome do Pai levou em sua primeira etapa a instituições de ensino cines-debate nos quais buscam debater as questões da ausência do registro paterno, sobre filiação, maternidade, paternidade e suas significações da figura paterna.

Em sua segunda etapa, prevista para o segundo semestre de 2012, o presente projeto visa desenvolver oficinas de áudio-visual junto a jovens na perspectiva de criação de um documentário que evidencie a pluralidade de sentidos em torno da ausência do registro paterno. Assim, através da linguagem áudio-visual, esse projeto teve por objetivo abrir um campo de discussões sobre as formações familiares concretas vividas por jovens e mulheres, a fim de desenvolver nestes atores uma atitude crítica e reflexiva frente aos modelos familiares cultural.

### **Exercício de escrita etnográfica: um olhar sobre o cine-debate**

De acordo com o público inicial, o levantamento dos filmes para o projeto foi feito de forma bem dinâmica, que caminhou desde o popular ao clássico, para que durante as reuniões fossem debatidos os caminhos do debate e sua relação com o filme proposto.

O cine debate do projeto “Sem nome do pai” organizado no CIEP Nelson Antelo Romar estrada Rio/São Paulo Km contou com a presença de 49 com alunos do EJA, e o filme escolhido para exibição foi “Linha de passe” de [Walter Salles](#) e [Daniela Thomas](#) produzido pela Universal Pictures.

No filme, em meio à periferia de São Paulo, quatro irmãos filhos de uma empregada doméstica grávida do seu quinto filho de outro pai desconhecido, criando uma necessidade por parte dos filhos de lidarem com as transformações de suas vidas sem a presença paterna, que por conta de seus limites tentam construir a todo o momento um futuro melhor para si.

O filme trazia a história de uma mãe que criava diversos filhos sem uma ajuda paterna, falta essa que acarretou em um série de ocorrências na vida dessas pessoas. O que dava a entender que essa ausência foi a causadora das mais diversas consequências,

e não ao fato de que devido a quantidade de filhos, havia uma preocupação em suprir o sustendo daquela família de forma material sem uma certa cautela na educação dos mesmo, algo que não foi comentado no debate posterior.

No dia do cine debate no CIEP Antelo Romar, havia em media 50 a 100 jovens e adultos presentes. Inicialmente, ao que parece, não havia muito conhecimento por parte dos participantes acerca do que ocorreria no evento, e muitos entravam na sala sem muita expectativa do que iria acontecer. Uma grande porcentagem dos presentes na sala aparentava ter uma idade mais madura, o que facilitou o entendimento da proposta no filme.

O filme começou e criou as situações mais diversas, como por exemplo, risos em cenas eróticas ou expressões de alegria e cumplicidade com os personagens em cenas que demonstravam certa presença religiosa, mas de inicio não percebi a atenção e interesse de grande parte do grupo para com o filme proposto.

Após o filme, foi dado inicio a um debate pautado sobre a questão da paternidade, comandado pelas professoras, que direcionavam para o objetivo da pesquisa. Gravado em linguagem audiovisual para contatos posteriores, o debate teve uma grande colaboração e envolvimento dos participantes. Dos presentes na sala, havia experiências parecidas com o tema da questão paterna e mesmo sendo um filme de ficção, as significações desenvolvidas na historia geraram compreensões e traduções diversas nos espectadores, exemplo disso foi uma moça de aparentemente 20 anos com um filho pequeno na sala, que dizia não saber quem era seu pai, mas que não queria o mesmo para sua prole

Nessa relação de empatia dos espectadores com o tema se deu devido às experiências vividas pelos mesmos em suas vidas, de modo que de alguma forma, a ficção trouxe uma memória pessoal, algo identificado pela antropóloga Clarice Peixoto (2011), durante o nosso levantamento bibliográfico. Outro ponto notado foi uma presente religiosidade por parte das pessoas que traduziam em significações pautadas do sobrenatural, como algo que responsável no controle de suas vidas, mas ao mesmo tempo em que trazia certo conforto para dar continuidade à vida. Como se a religião fosse algo que completasse e suprisse a questão paterna, isso foi visível em frases como “Deus sabe o que faz”, certo conforto para um enfrentamento social.

### **Reflexões sobre o campo: uma análise do levantamento bibliográfico**

O foco da pesquisa foi o uso da imagem e do vídeo em pesquisas na área de antropologia, mas mais especificamente na pesquisa sobre famílias, a fim de subsidiar as ações do projeto Sem Nome do Pai. Com o estudo das relações intergeracionais através do uso da imagem a antropóloga Clarice Peixoto (ano) mostra que é possível refletir sobre a produção e análise de imagens, em sua interseção no campo da família. A autora promove uma reflexão sobre o uso de imagens nas pesquisas sociais. Um diálogo entre o texto verbal e texto visual<sup>4</sup>.

No levantamento bibliográfico para o projeto foi necessário analisar o uso da imagem na antropologia, na qual Clarice Peixoto trabalha com sua avó (Bebela) que é uma personagem da história regional gaúcha, em um filme familiar que cria certo vínculo de “Ethos” familiar, no qual os vínculos entre os membros da família são reafirmados. A história é de um vídeo feito com sua avó, mas com uma estrutura narrativa diferente de vídeos de família tradicionais, na qual parte de um ponto de vista para a construção de um dado momento histórico, o que ela chama de um vídeo enquanto função social, comparável a um álbum de fotografia.

“(…) ou seja, ao retornar e reconstruir, com documentos e fotografias, os fragmentos da memória de Bebela (Avó de Clarice), esse trabalho audiovisual abriu a possibilidade de aliança entre gerações, assumindo uma forte função simbólica (Allard, 1995 em Peixoto, 2011: p.18)<sup>5</sup>.”

É mais do que uma tentativa de representar a memória no filme. É na verdade, um outro tipo de conhecimento ou uma forma de evocação dessa história que passa a ser revivida pelo espectador. Remetem a um passado coletivo, eles reconstruem um momento da história<sup>6</sup>. E também é claro que o fato de nossa cultura privilegia o campo imagético, como se fosse o real, um momento fixado para sempre, algo socialmente construído. E é baseado nessas idéias que o projeto “Sem nome do pai” tem se desenvolvido, pois trabalhar imagem e memória requer a construção de toda uma carga

---

<sup>4</sup> PEIXOTO, Clarice E. Filme (vídeo) de família: das imagens familiares ao registro histórico. In: PEIXOTO, Clarice E (org.). *Antropologia e imagem, Narrativas diversas*. 1 vol. Rio de Janeiro: Ed.Garamond Universitária, 2011, p. 9-24.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Ibidem.

de significação nos participantes do projeto, parte de uma das etapas que foi desenvolvida em algumas escolas do município de Seropédica com os cines debates.

Unidos, revela uma oposição entre dois modos básicos de constituí-lo: como substância biogenética e como código de conduta. Essa oposição se repete na simbólica ocidental e pode ser identificada tanto no discurso leigo como no especializado, como por exemplo, o jurídico. Por meio dessa visão parentesco é constituído de um lado, por laços de “sangue” na expressão mais tradicional e por outro, pela esfera relacionada a cuidado, criação e reconhecimento, ou seja, códigos de conduta<sup>7</sup>.

Percebeu-se durante o desenvolvimento da pesquisa nos cine debates ou em entrevistas, todos documentados através de linguagem audiovisual, uma certa substituição em caso de ausência paterna, pois o que seria definido por um papel puramente biológico muitas vezes é transferido para um tio, avô, amigo da família ou padrinho. Confirmando a proposta do projeto que pontua em alguns teóricos do Direito de família, mais do que biologia, afeto é fundamental na constituição destes laços<sup>8</sup>.

Essa visão pode ser vista no livro *Princípios Fundamentais Norteadores do Direito de Família*, escrito por Pereira<sup>9</sup>. O autor faz especial menção ao princípio da afetividade, afirmando que este se encontra na jurisdição da paternidade socioafetiva, que abrange os filhos biológicos ou não.

Não agrupando esse raciocínio de uma relação puramente biológica, Maria Berenice Dias<sup>10</sup> remete a filiação aos aspectos socioafetivos. De acordo com a autora, a convocação a uma filiação biológica é mais uma preocupação dos pais e dos filhos do que propriamente do Estado, cuja condução maior é a de garantir o interesse da criança, seja por um elo afetivo ou social. Prova disso é que o art. 1597 do Código Civil (2003) prestigia a relação de paternidade legal, ou seja, considera ser pai o marido da mãe<sup>11</sup>.

---

<sup>7</sup> Para ampliação do tema, ver: FONSECA, Claudia. *Caminhos da adoção*. São Paulo, Cortez. 1995; FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 2000; FONSECA, Claudia. “A vingança de Capitu: DNA, escolha e destino na família brasileira contemporânea”. In: BRUSCHINI, Cristina & UNBEHAUM, Sandra G. (orgs.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, Edições 342002, p. 267-95

<sup>8</sup> SEM NOME DO PAI FAPERJ 2011.

<sup>9</sup> PEREIRA, R. *Princípios Fundamentais Norteadores do Direito de Família*. Belo Horizonte: Ed. Del Rey, 2006.

<sup>10</sup> DIAS, Maria Berenice. *Manual de Direito de Família*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2007.

<sup>11</sup> Projeto SEM NOME DO PAI. FAPERJ, 2011.

Como descrito na proposta do projeto que partindo de todo esse mapeamento inicialmente identificou que não existem *pontos de cultura* nos municípios de Seropédica, Paracambi ou Itaguaí, localidades essas que estão sendo analisadas para os fins de implementação desta iniciativa<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Idem.

## Conclusão

Nesse presente trabalho, a imagem foi usada com o objetivo de expressar a complexidade da vida social. Ao longo da pesquisa foi visível a seleção do que era retido pelos espectadores do cine debate, exemplo disso esta na própria consideração e interpretação do real pelo que foi visto nos filmes, algo crucial na conclusão e avaliação dos seus discursos. O que significa a ausência paterna na vida de desses indivíduos? Uma ausência substituída para que não haja uma carga de significações sociais? Ou uma necessidade talvez sentimental?

Essas foram perguntas feitas ao longo da pesquisa, ao qual em nossa sociedade a família é espaço de socialização e aprendizagem<sup>13</sup>. De modo que os entrevistados que possuíam experiências de ausência paterna, a todo o momento tentavam demonstrar que suas identidades e construção enquanto sujeitos, mas ainda havia certa ruptura na falta de um figura paterna (muitas vezes substituída), que desse algo herdado, uma certa continuidade, que até reflete no campo jurídico (os próprios códigos de conduta<sup>14</sup>). E apesar das mudanças na sociedade ocidental, e a existência de variados tipos de família, o modelo tradicional ainda é considerado o “ideal”, algo na dimensão pessoal.

Nem todas as atividades propostas pelo “Sem nome do pai” (FAPERJ, 2011.) foram realizadas, e algumas propostas foram se adaptando de acordo com a realidade encontrada ao longo da pesquisa, mas o objetivo de através dessas experiências identificar as conseqüências dessa ausência desenvolver uma atitude critica e reflexiva foi alcançada

---

<sup>13</sup> <http://www.inarra.com.br/uploads/Tese-DO-Cesar-Carvalho.pdf>

<sup>14</sup> Para ampliação do tema, ver: FONSECA, Claudia. *Caminhos da adoção*. São Paulo, Cortez. 1995; FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 2000; FONSECA, Claudia. “A vingança de Capitu: DNA, escolha e destino na família brasileira contemporânea”. In: BRUSCHINI, Cristina & UNBEHAUM, Sandra G. (orgs.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, Edições 342002, p. 267-95

## Introdução

*“Nunca ande pelo caminho traçado, pois ele conduz somente até onde os outros já foram.” - Alexander Graham Bell.*

Ligado à pesquisa *Sem Nome do pai*<sup>15</sup>, que busca entender utilizando à linguagem audiovisual as questões da representação paterna, através da experiência dos que vivem essa situação na cidade de Seropédica, “Da Seda à chita: Seropédica como espaço de observação empírica dos processos de produção e reprodução de memória e identidades regionais” é um projeto de pesquisa e extensão, que aborda a produção de identidade regional e memória local do município.

Emancipada de Itaguaí a 13 anos, Seropédica é conhecida como um lugar de passagem, entre o urbano, o campo. Politicamente sendo considerado um município da baixada fluminense do Rio de Janeiro.

Lugar de estudantes vindos de diversas partes do país devido a UFRRJ, situada na região, a presença da universidade gera uma rica diversidade de contatos, influencia no comércio local e na atividade imobiliária da cidade, devido às moradas estudantis e “Repúblicas”. Seropédica é também um lugar de grande religiosidade que influencia diretamente na rotina da cidade.

As visões acerca da cidade são muitas, e o presente projeto tem por intenção averiguar essa “Produção e reprodução” dessas identidades que órgãos municipais e a própria universidade têm estimulado<sup>16</sup>. Tais representações difundem-se entre os residentes de Seropédica.

Na participação como bolsista do projeto “Da seda a Chita”, em uma primeira fase fiz um levantamento bibliográfico sobre os temas da identidade cultural e da antropologia urbana como suporte teórico para a pesquisa, pois a própria noção geográfica acerca dos limites territoriais, é ainda debatida pelos moradores ao longo da BR465. Além disso, levo em consideração minhas interpretações dos dados de campo e a vivência enquanto estudante da rural na escrita etnográfica das observações e experiências locais.

---

<sup>15</sup> Projeto SEM NOME DO PAI. FAPERJ, 2011

<sup>16</sup> Da Seda à Chita: Seropédica como espaço de observação empírica dos processos de produção e reprodução de memória e identidades regionais. FAPERJ, 2012.

Um levantamento cultural acerca do “Seropedisense”, quais os sentidos de morar na cidade. Para isso os usos de dados qualitativos com entrevistas e visitas às festas locais, feiras e datas comemorativas foi o principal método de acesso às informações sobre a cidade, usando questionários semi-estruturados e a produção de imagens. Outro ponto importante que investigamos, foi o impacto da universidade na produção cultural, através dos cursos dentro do *campus* no CAC (Centro de arte e cultura), por exemplo.

Em sua segunda etapa, o presente projeto realizou oficinas de produção áudio-visual com alunos da universidade e das pessoas da região. Participamos e planejamos as oficinas de áudio-visual do projeto, ao qual tento aqui sistematizar alguns dados, fazendo uma revisão bibliográfica teórico-metodológica sobre identidade e cultura para análise de toda a documentação levantada sobre esse pertencimento regional por parte dos moradores, buscando entender melhor a produção cultural da cidade.

## **Resumo das atividades**

### **Levantamento bibliográfico**

Através de entrevistas, etnografias e uso de imagem e vídeo, enfatizamos a compreensão do que significa viver em Seropédica para os moradores e estudantes. Com o foco em antropologia urbana, a fim de subsidiar as ações do projeto Sem Nome do Pai, nosso levantamento bibliográfico buscou informações acerca de conceitos e teorias da antropologia urbana.

A exemplo disso, com estudos sobre a vida nas cidades, o antropólogo, Patrick Le Guirriec mostra aspectos históricos da antropologia urbana enquanto disciplina, fazendo um estudo comparado entre o Brasil e a França<sup>17</sup>. Segundo o autor, em meio a debates teórico-metodológicos da antropologia urbana nos dois países, os dois casos sofreram problemas de legitimidade parecidos, porém conseguem ser eficazes em suas análises.

Magnani (2000: 47) argumenta que a diferença entre sociologia e antropologia está na oposição entre comunidade e sociedade, ou seja, dois padrões de interação social. Para ele, viver em sociedade implica diversos fatores, desde vínculos pessoais,

---

<sup>17</sup> LE GUIRRIEC, Patrick. A antropologia urbana: Convergências e divergências na França e no Brasil.p.3



até relações secundárias<sup>18</sup>, algo que acarreta características comuns ao grupo estudado, propondo uma reflexão do uso da antropologia urbana nas pesquisas sociais.

Le Guirriec examina os aspectos da antropologia urbana que consideram a cidade como um objeto de pesquisa, com relações sociais diversas, porém ligadas ao espaço físico e ao contexto histórico<sup>19</sup>. A respeito da metodologia, no Brasil a escrita etnográfica para o estudo das sociedades é o método mais utilizado, ligado à observação-participante.

No Brasil segue-se o método da escola de Chicago, percebendo de forma mais geral em sua totalidade cultural, e para o autor, é aí que está a diferença do método francês que procura as especificidades do viver em espaços urbanos<sup>20</sup>. Diferenças a parte, a antropologia urbana no Brasil segue teóricos como F. Boaz e R. Lowie, com uma abordagem que Le Guirrierc chama de mais global e geral, enquanto na França seria parte da sociologia.

Ao longo da pesquisa, no levantamento bibliográfico, foi necessário analisar alguns estudos de caso relacionados com nosso tema como o trabalho de Lilian de Lucca Torres. Todavia, no caso dela, o foco é a cidade de São Paulo. Em seu artigo “Programa de paulista: Lazer no Bexiga e na Avenida Paulista com a rua da Consolação” ela descreve e analisa alguns aspectos sociais, da cultura urbana que contribuem para o caráter de megalópole para São Paulo.

Partindo do ponto de vista dos próprios moradores e frequentadores dos locais visitados ela apresenta um olhar sobre a cidade através de entrevistas, em uma relação dinâmica com o lugar pesquisado.

Para Michel Agier, a rotina da vida citadina pode compor para o pesquisador uma “cultura da cidade”<sup>21</sup>, ou seja, as representações de identidades individuais, comuns a um grupo de uma determinada região. Sendo assim, a forma como os moradores pontuam um sentido para o espaço material onde vivem em relação a uma festa ou prática local, quando frequentam centros sociais populares é a forma como se diferenciam de outros lugares.

---

<sup>18</sup> Idem p.4

<sup>19</sup> Idem p.5

<sup>20</sup> Idem..8

<sup>21</sup> Michel Agier. p. 143

Agier pontua o debate sobre o conceito de “cultura”, que poderia ser entendida como algo totalizante, como uma representação da totalidade social, ou como resposta adaptativa às questões socioeconômicas.

“Uma primeira concepção considera a cultura um todo ou uma representação funcional da totalidade social. Uma segunda concepção da cultura, como resposta adaptativa e determinada pelas condições socioeconômicas, desenvolveu-se como reação às abordagens anteriores, totalizantes. Por último, uma terceira concepção considera a cultura algo mais. Essa cultura, como parte das práticas sociais, ainda inexplorada ou inexplicada pelas análises das condições socioeconômicas, é bem representada pelas diferentes abordagens da cultura étnica: a etnicidade e a produção de diferenças culturais são intelectualmente unificadas numa reatualização da primeira concepção da cultura (como totalidade) (Michel Agier, ano: p.p 145-147).<sup>22</sup>”

Desse modo, ele considera que é nesse processo que se constitui o objeto do antropólogo<sup>23</sup>, independente dos campos, uma vez que o conceito de cultura em si, ainda é debatido pela antropologia. Todavia, a abordagem defendida por ele se apresenta na *interpretação e representação*<sup>24</sup>, algo que procuramos entender ao longo da pesquisa, pois Seropédica tem definições de cunho político, a idéia de cidade “sertaneja” defendida por muitos estudantes da universidade, ou de lugar tranquilo e calmo, como testemunham alguns moradores do município, apesar dos estudos que apontam para o domínio de milícias, cartazes sobre prostituição infantil e outros indícios que nos fazem questionar essa representação.

Contudo, Wilson Trajano, faz uma reflexão do que chama de *múltiplos modos pelos quais as pessoas e os grupos se ligam aos lugares*<sup>25</sup>, partindo da idéia de que um “lugar” é muito mais do que uma simples questão espacial, e sim uma atribuição de sentidos interno e externo ao mesmo, em uma dada relação tempo-espço gerando por vezes um pertencimento em determinados grupos, assim ele define as identidades sociais (nem sempre estáveis) e os lugares (Que assumem diferentes formas ou limites de acordo com os grupos).

A complexidade na definição de “lugar” acarreta em um debate na antropologia, para isso ele apresenta alguns autores que dialogam a respeito do tema. Hirsch (2003:1), e Basso (1996:xiv) apontam a falta de problematização por parte dos etnógrafos os

---

<sup>22</sup> Idem. P.p. 145-147.

<sup>23</sup> Idem p. 147

<sup>24</sup> Idem p. 148

<sup>25</sup> TRAJANO FILHO, W. Introdução. In: *Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional*. Brasília: Athalaia Gráfica editora, 2010. P.5

sentidos dado pelas pessoas aos lugares, trazendo uma carência de estudos sobre o tema. Contudo, para Levinson (1996: 354) os trabalhos produzidos sobre espaços são vastos e trazem uma visão geral sobre o mesmo. Sendo assim, ele faz uma breve apresentação de teóricos clássicos sobre o tema.

Um contexto em que se coloca o espaço como algo físico e que em mera definição política é ocupado por indivíduos com características semelhantes. Isso se dá mesmo no caso norte americano, até a escola francesa e suas teorias clássicas.

No entanto, através do uso da imagem e vídeo em pesquisas na área de antropologia, mais especificamente na pesquisa sobre famílias, a fim de subsidiar as ações do projeto Sem Nome do Pai, buscamos em estudos como o das relações intergeracionais através do uso da imagem a antropóloga Clarice Peixoto (2011), que mostra ser possível refletir sobre a produção e análise de imagens, em sua interseção no campo da família e da antropologia urbana. A autora promove uma reflexão sobre o uso de imagens nas pesquisas sociais. Um diálogo entre o texto verbal e texto visual<sup>26</sup>.

A história é de um vídeo feito com sua avó, mas com uma estrutura narrativa diferente de vídeos de família tradicionais, na qual parte de um ponto de vista para a construção de um dado momento histórico, o que ela chama de um vídeo enquanto função social, comparável a um álbum de fotografia.

“(…) ou seja, ao retornar e reconstruir, com documentos e fotografias, os fragmentos da memória de Bebelá (Avó de Clarice), esse trabalho audiovisual abriu a possibilidade de aliança entre gerações, assumindo uma forte função simbólica (Allard, 1995 em Peixoto, 2011: p.18)<sup>27</sup>.”

É mais do que uma tentativa de representar a memória no filme. É na verdade, um outro tipo de conhecimento ou uma forma de evocação dessa história que passa a ser revivida pelo espectador.

Eles reconstróem um momento da história<sup>28</sup>, e baseados também pelo fato de nossa cultura privilegiar o campo imagético, como se fosse o real, um momento fixado para sempre, algo socialmente construído. E é fundamentado também nessas idéias que o projeto “Da Seda à chita: Seropédica como espaço de observação empírica dos

---

<sup>26</sup> PEIXOTO, Clarice E. Filme (vídeo) de família: das imagens familiares ao registro histórico. In: PEIXOTO, Clarice E (org.). *Antropologia e imagem, Narrativas diversas*. 1 vol. Rio de Janeiro: Ed.Garamond Universitária, 2011, p. 9-24.

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> Ibidem. P.18

processos de produção e reprodução de memória e identidades regionais” tem se desenvolvido, pois trabalhar imagem e memória requer a construção de toda uma carga de significação, um entendimento acerca da cidade trabalhada no projeto.

### **Teoria e prática: Michel Agier e a antropologia da cidade.**

Agier trabalha a cidade como um espaço de observação empírica, o mesmo que fizemos na ao longo do projeto. A antropologia urbana, que me meio a seus conceitos limitamos um espaço de observação procurando o que Agier chama de redes internas e externas: Lugares, pessoas e grupos em uma perspectiva regional, como uma forma de reflexão acerca de um lugar de transição como Seropédica.

A rua como espaço de memória e significação, como vêm a memória do cotidiano que remete ao presente (Rute Langue trabalha com isso, mas não lembro o texto). De que forma o cotidiano fala do lugar social dessas pessoas? E na fala o que identifica e remete a um imaginário pessoal? Para isso Agier usa o conceito de maquina identitária, a transformação nos aspectos culturais. Rituais de fundação materiais, a exemplo disso estão os campos de concentração ou um campo de refugiados, que é um espaço provisório, porém se constrói uma estratégia de sociabilidade que funda uma estrutura de redes de convivência. Uma nova inscrição material do lugar

O que o autor são as praticas e linguagens políticas, como a cidade impacta na vida, aplicando a Seropédica, podemos entender como uma cidade de transito, e sua definição na fala dos que vivem lá. Conjuntos de moralidades convivendo no mesmo espaço, o conceito de região moral acaba sendo fraco pra pensar a cidade. As identidades se configuram e modificam-se tanto na escrita quanto a uma identidade vivida. A identidade é definida por uma narração contextualizada, Rituais de identidades, um momento liminar, uma fronteira ultrapassada, ou seja, como as pessoas fazem a cidade? Seropédica é Urbana – Rural? Para essas perguntas, podemos encontrar apoio na Micro-historia. Diferente de historia local, O historiado Jacques Revel defende uma mudança na escala de analise, ou seja, ao usar a cidade como objeto de estudos é identificável uma pluralidade de contextos, assim tentamos identificá-los de modo qualitativo em nossas etnografias.

Na micro-historia italiana, com um olhar pontual, trabalha-se em um tempo curto, muito mais que uma simples redução para o olhar na escala micro, por exemplo, a proposta Carlos Ginzburg é que a partir de um problema micro é possível ligá-lo a algo

bem mais amplo, estabelecendo analogias através da narrativa, ou seja, a micro historia parte do tempo curto, mas o trabalho deve ser além disso, é preciso estabelecer ligações a partir do tempo curto. Dessa forma, entender o micro para entender os sentidos menores, a cidade como um parcial, para entender as suas representações pensadas pelos moradores, todavia não se pode esquecer a noção de indivíduo. Aplicando ao nosso objeto de análise, como as pessoas se relacionam na sua cidade? quais os sentidos que as pessoas constroem pra sua cidade?

A crítica de Agier a escola de Chicago é que se pode pensar a cidade de forma moral. As zonas de marginalidade, zonas não pensadas, ou seja, não da pra pensar a cidade só em termos de zoneamentos que separa por regiões morais. Mediações, Memória e significações modificadas, como acionar os pertencimentos de onde se vem, pois as regiões morais variam de acordo com as situações, seriam os códigos de regiões, congelando em determina leitura específica. Agier, propõe pensar a partir das tipologias, situações ordinárias, extraordinária com o cuidado para não criar tipos.

A cultura é onde o conflito acontece. A forma de apropriação dos fenômenos a partir da idéia de cultura. Uma cidade vivida em acontecimentos e não as situações propriamente ditam, ações reações em relação às pessoas. As cidades são fundadas para gerar relações. Rejeita as individualidades, mas mostra que existem espaços de resistências desse individualismo.

### **Exercício de escrita etnográfica**

#### **O impacto imobiliário**

Para compreender um pouco a relação entre a cidade e a universidade, e o papel que esta tem nos fluxos da região, investigamos um dos temas que parecem ser o motivo de certa animosidade dos moradores em relação à UFRRJ: o impacto econômico na cidade do processo de expansão universitária.

A demanda pela locação imobiliária na cidade é cada vez maior. Uma vez que universidade Federal Rural aderiu ao projeto REUNI e criou novos institutos e departamentos, e a estrutura da cidade tem se modificado a todo o momento.

Como parte da investigação, entrevistei o proprietário de uma imobiliária na cidade. Segundo ele, o m<sup>2</sup> na cidade custa em torno de R\$1.000,00 no km 50, e R\$2.000,00 no km 49, próximo a área do comércio central. Os aluguéis mais caros são próximos aos mercados, e quanto mais afastados do centro menor o aluguel, isso também ocorre nas casas perto da universidade.

Normalmente o perfil dos inquilinos é de estudantes, uma média de 70% e os fiadores são os pais. Poucos professores moram na região, pode-se dizer que essa é uma cidade univestaria, com um perfil bem jovem, sendo uma fonte de renda para os moradores locais. Todavia ele informou que houve uma pequena mudança devido às obras no arco rodoviário, um novo perfil de aluguéis para empresas na área de construção civil e seus trabalhadores, mesmo assim Seropédica continua com uma população pequena.

### **Questionário semi-estruturado que levamos para a Expo-2012:**

Qual o seu nome?

Quantos anos você têm?

Onde você mora?

É a primeira vez que vem a Expo Seropédica?

Como ficou sabendo da Expo desse ano?

Quais os dias que você veio e quais ainda pretende vir?

Você vem com alguém ou sozinho?

Qual o principal motivo para você frequentar a Expo?

Você vai a outros eventos como esse em outros lugares? Quais?

Contudo, o uso de um questionário poderia inibir algumas pessoas, e nossa intenção era acompanhar os frequentadores do evento em diversos lugares, trabalhando aspectos da cidade através do evento. Assim, tomamos as perguntas formuladas como orientação, mas não nos atemos a elas.

### **Caderno de Campo: Expo Seropédica**

Dia 09 de outubro de 2012

A legitimação acerca desses estudos foi difícil, mas através do método etnográfico tem sido possível compreender melhor a cidade, através da observação de eventos, festas, costumes a partir das quais é possível obter conclusões gerais do funcionamento da região. Para isso decidimos ir a um evento local em comemoração ao aniversário da cidade a: Expo-Seropédica.

Fui um primeiro dia sozinho, antes do início do evento, quando ainda montavam as estruturas. Ao chegar ao local de montagem do evento da Expo-Seropédica, a primeira pessoa que conversei foi um dos trabalhadores que montava as barraquinhas

usadas pelo comércio local durante o evento. Um morador de Seropédica que iria trabalhar na montagem e desmontagem, no fim da semana.

Logo depois, encontrei um dos funcionários da prefeitura, que estava responsável pela montagem do evento. Ele estava junto ao secretário Wilson Bezerra e outros três vereadores. O funcionário da prefeitura me informou que trabalhava há 12 anos lá, e junto com outro rapaz de uma empresa terceirizada, chamada “Agito paradise”, eram os responsáveis pela estrutura do evento. Eles me explicaram a planta das localidades de cada atração que ocorreria, indo do parque de diversões às tendas de algumas boates. Os dois debatiam sobre onde colocar as barracas, e me explicavam sobre a armação do rodeio. Nesse momento, perguntei sobre as críticas feitas ao rodeio, e a fala foi rápida e simples: *“O Rodeio é um acontecimento internacional, é de fora do Brasil, não sendo culpa nossa, sempre teve aqui e em Itaguaí e o povo gosta”*.

Eles me informaram sobre um cadastro feito por comerciantes locais para colocar barracas com produtos diversos, e quem organizava tudo era uma empresa privada através de uma licitação. O funcionário da prefeitura disse que a mudança de local da Expo se deu devido ao terreno onde ocorreu o evento esse ano ser mais bem estruturado que o antigo.

No decorrer da conversa, perguntei quantos anos tinha o evento, e eles disseram que o evento era em comemoração à emancipação de Seropédica, ou seja, o aniversário da cidade e que o único ano que não houve foi em 2010 devido a uma questão política, ocorrendo apenas um show do grupo musical “Paralamas do Sucesso”, na UFRRJ. O evento começa sempre com um dia gospel (sem rodeio), mas a estrutura é sempre a mesma: um palco principal, outro com atrações menores, a arena do rodeio, 2 tendas de boates da cidade, barraquinhas e o parque.

No início da conversa todos ficavam meio assustados com a abordagem, mas com o passar do tempo até indagavam “coloca ai na sua tese que a Expo é de graça, e que apenas se doa 1kg de alimento para instituições sociais cadastradas é claro!” (Fala do funcionário da prefeitura ). Contudo, boa parte dos organizadores e trabalhadores eram moradores da região, apenas os trabalhadores do parque de diversões eram de vários cantos do país. A exemplo disso, um senhor de Taubaté em São Paulo que me olhava com olhar desconfiado, mas disse que todos ali não tinham destino e só a administração sabia as próximas paradas. Todavia, o mais estranho é que não consegui achar os engenheiros responsáveis pelo parque e não tinha nenhuma indicação de CREA.

Ao falar que era aluno da UFRRJ todos olhavam com desconfiança, e passavam a impressão de medo, como se eu fosse fazer alguma denuncia ou tivesse ali para saber algo que não era para eles falarem, mas todos foram bem tranquilos com as informações. Na volta para a universidade, descobri que a secretaria de cultura deixa uma van disponível para os funcionários da mesma, dessa forma como de costume na universidade pedi carona para o motorista até a Rural, o que causou um espanto e um comentário de “Que absurdo!”. Todos os entrevistados pediram para não divulgar nomes.

Dia 10 de Outubro de 2013

Cheguei ao evento da Expo por volta de 19h30min, quando fui encontrar o aluno bolsista Eriknatan e a professora Patrícia Reinheimer, que já estavam lá há algum tempo e me contavam sobre as pessoas que haviam conversado. Esse primeiro dia teve show gospel e foi freqüentado por muitas famílias.

O evento é feito em um descambado grande, dividido entre barracas, tendas com ritmos variados (Nesse dia como era gospel funcionava para a apresentação de bandas de igrejas diversas), um palco central e outro com atrações menores.

Sentamos em uma barraquinha que vendia diversos pratos diferente, ao lado havia uma família, um casal com uma mulher e 2 filhos pequenos, o homem era funcionário do CTUR (Colégio técnico da Universidade Rural) e já estava na quarta geração de servidores públicos na família. Eles disseram que normalmente não freqüentam a festa, mas estavam lá para levar as crianças no parquinho que ainda estava fechado. Algo normal para o primeiro dia de evento, como havia falado o funcionário da prefeitura que eu conheci no dia anterior e encontrei durante o evento.

Enquanto os outros estavam sentados na barraca, resolvi fazer umas fotos do evento, foi quando uma moça da barraca que fazia churrasquinho me falou “Esse é meu melhor ângulo”. Assim, me aproximei da barraca e perguntei de onde ela era, e ela me contou que era de Nova Iguaçu, assim como todos na barraca incluindo o dono que logo se aproximou. Segundo o mesmo, o ponto dele era um dos mais caros, mas valia a pena pelo retorno financeiro. Eles disseram que estavam acostumados a fazer esses tipos de eventos e vão para vários lugares dessa forma. Perceptível na maioria dos donos de comércio, sempre em eventos itinerantes, para eles a festa é apenas negócios.

Depois disso, começamos a andar pelo descampado até o parquinho. Tinha vários jogos curiosos e brinquedos diversos. Encontramos um grupo de 3 moças,



moradoras de Seropédica, com a mãe de uma delas e um filho (com uns 3 anos) que gritava desesperadamente no colo, por que queria brincar no parquinho. Uma delas era negra e a outra bem magra e tímida. As meninas usavam roupas bem fechadas, típica de protestantes. Porém, a terceira usava uma roupa de festa rosa e estava muito arrumada. O nome dela era Taís, e era a mais falante do grupo. Filha de um funcionário da defesa civil e da moça que segurava o menino, Taís estava esperando o momento para se apresentar. Ela canta, ministra em igrejas e, segundo ela, a organização do evento só passava as informações na hora do show.

Quando perguntamos sobre o que achavam de morar em Seropédica, a resposta foi que gostavam muito, por ser um lugar tranquilo onde todos se conhecem. Mas como todo lugar, disseram que tem seus problemas, embora ninguém falasse qual era o problema. A conversa durou alguns minutos, quando elas foram direto para a tenda, pois iniciaria o show da menina.

Depois disso, paramos em uma barraca para comer, quando um funcionário da prefeitura chegou e não queria deixar a dona vender um tipo de cerveja diferente do patrocinador. Eu gravei a conversa para entender melhor: ela dizia que morava em São Gonçalo, era uma mulher cristã, havia pago mais de R\$2.000 pelo ponto e isso não havia sido informado para ela. Segundo ela, eles não estavam agindo como cristãos, e na reunião anterior, havia informado tudo isso para os donos dos aluguéis. Ao contrário do que me falou o funcionário da prefeitura, boa parte dos donos das barracas era de fora da cidade.

Outra dona de barraca que conhecemos foi a Brenda, que vendia drinks diversos com nomes bem originais, como “Xixi de jegue, capetão e leite da macaca”. Ela e o marido são de Itaboraí e disseram que naquele dia não venderiam muito e já sabiam, mas era um dia para testar e fazer os acertos finais.

Fomos para a tenda onde aconteceriam algumas apresentações. O primeiro a cantar foi um grupo chamado “Ministério o céu vai se abrir”, formado por membros de diversas igrejas da região. A banda animou todos que dançavam e pulavam em um ritmo de rock com letras cristãs. Logo depois, Taís (a moça que havíamos conhecido) subiu ao palco e começou a falar que Seropédica precisava de Jesus e iria louvar naquela noite por isso.

Conhecemos um rapaz chamado Levi, da acessória de imprensa. Junto com ele, duas outras moças que trabalhavam com ele. Começamos a conversar em uma sala dentro do evento, todos eles eram moradores da região e descobrimos que uma delas era

filha de uma ex-professora da Rural, interessada pela história de Seropédica. De repente, entrou uma moça na sala e se apresentou dizendo “Bem-vindo a Seropédica, bem vindo ao povo Seropedicense”, mas a luz no evento acabou e saímos da sala para ver o que estava ocorrendo.

O show começou por volta de 23h e a cantora da noite era Bruna Karla. No público, havia muitas crianças e jovens. Ainda não estava muito cheio, talvez devido à chuva e a quantidade de lama perto do palco. Mas isso não estragou a animação do público. Ficamos alguns minutos, fizemos umas imagens e logo saímos de lá.



Paque de exposições da ExpoSeropédica de 2012.

Foto: Igor Casemiro, Seropédica - RJ, 10 de outubro de 2012

11 de outubro de 2012

Saindo da Rural, pedi carona na BR465. Um carro parou com dois homens e perguntaram se eu sabia onde ocorria a festa da cidade. Respondi que sim e que também estava indo para lá. Eles me deram carona e no carro fomos conversando. Não lembro dos nomes deles, mas eram trabalhadores em uma obra em Paracambi, onde souberam da festa. Moradores de São Paulo, falaram que conheceram alguns bares da cidade, mas as mulheres não davam muita atenção e as pessoas olhavam de forma estranha para eles. Perguntei quais bares conheciam, e todos os que eles disseram eram lugares universitários, frequentados pelos alunos da universidade.

Chegamos ao evento por volta das 22h. Chovia bastante. Paramos na mesma barraca do dia anterior, pois era onde havia cobertura. O show da noite era da banda “Jammil e uma noites”. Nesse dia havia um público mais jovem, com alguns alunos da rural, que se diferenciavam pelo tipo de roupa usada. As roupas dos alunos eram menos justas, marcando pouco o corpo, no caso das meninas e os meninos moradores de Seropédica usavam jeans muito apertado, talvez uma moda local.

Havia além do camarote do prefeito, outro menor, com uma boate itinerante. Conversei com o gerente de lá e a moça do caixa, e perguntei por que mesmo em um evento de graça na cidade, as pessoas pagavam para “Subir” na boate. A resposta foi a mesma, os pagantes querem se diferenciar, ter um conforto melhor, até mesmo pela chuva. A maior parte do público que paga R\$10,00 para entrar era de estudantes da Rural, uma espécie de área vip dentro do evento.

O show começou com atraso, por volta das 24h. Mesmo na lama as pessoas se aproximavam do palco para ver melhor. Um público bem jovem dançava na área principal. Nos dois dias de evento que fomos, utilizamos pouco a linguagem áudio-visual de forma que as pessoas ficassem um pouco mais livres para conversar. Nesses dias não teve rodeio devido à chuva.



Barracas de drink's da ExpoSeropédica de 2012.

Foto: Igor Casemiro, Seropédica - RJ, 09 de outubro de 2012.

**Oficinas de produção áudio-visual: Seropédica como espaço de observação empírica, o Rural e Urbano.**

Durante as oficinas observamos Seropédica como um canal entre rural e urbano, um linear entre a os aspectos de uma região metropolitana em ter a cidade e o campo. Para isso, o processo de montagem e produção de imagem é necessário para fazer a gravação ter um sentido e uma idéia. As oficinas se focaram em uma análise de produção de imagens sobre a cidade e decupação para a montagem de um documentário. Buscando a diversidade no olhar da imagem. Que contou até com uma mostra de filmes e fotografias produzidas com visões diferentes, com o intuito de indicar intercalações entre os personagens para que proporcione um diálogo no objeto estudado.

A fotografia pode ser um instrumento de pesquisa em ciências sociais, elas ajudam a contar o universo da pesquisa social. Uma constatação através da imagem, porém como uma linguagem, o impulso visual com uma significação, um meio ou um foco. Para a produção da imagem há esteticamente uma preocupação, a transmissão de uma mensagem usando a foto. Uma reconstrução de uma realidade por parte do antropólogo.

O filme como uma redução da experiência de quem fez, personagens montados. Isso se da nas relações pessoais também, é a visão do diretor que apresenta algo através da interpretação dele. Seria, a proximidade do autor com a obra, pautada de método e técnica. Contudo, haverá uma recepção que não se pode medir, com apropriações de leituras diferenciadas fora da universidade. Ambiente, sociedade identidade um mapeamento cultural entre o rural e o urbano com os usos e produção de imagem, fatos e elementos com pessoas específicas.

Buscamos entender Seropédica em suas representações e reproduções. A produção de identidade e memória. Criando “realidades locais”, algo que pode ser incorporado pela comunidade local em seus discursos políticos. Através da observação e indagação desse processo que os órgãos municipais dizem constituir em “projeto político”. Para isso, qual é o papel que a universidade, através dos projetos dos professores e das atividades dos alunos, tem nesse processo e como a população se apropria de e reelabora tais iniciativas em termos de representações acerca de “ser seropedisence”.

## **BILIOFRAGIA DO SEM NOME DO PAI.**

CARVALHO, César Augusto. Os usos de fotografias de família. In: PEIXOTO, Clarrice E (org.). *Antropologia e imagem, Narrativas diversas*. 1 vol. Rio de Janeiro: Ed.Garamond Universitária, 2011, p. 109-125.

DIAS, Maria Berenice. *Manual de Direito de Família*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2007.

FONSECA, Claudia. *Caminhos da adoção*. São Paulo, Cortez. 1995

FONSECA, Claudia. Família, fofoca e honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

FONSECA, Claudia. "A vingança de Capitu: DNA, escolha e destino na família brasileira contemporânea". In: BRUSCHINI, Cristina & UNBEHAUM, Sandra G. (orgs.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, Edições 342002, p. 267-95

PEIXOTO, Clarrice E. Filme (vídeo) de família: das imagens familiares ao registro histórico. In: PEIXOTO, Clarrice E (org.). *Antropologia e imagem, Narrativas diversas*. 1 vol. Rio de Janeiro: Ed.Garamond Universitária, 2011, p. 9-24.

PEREIRA, R. Princípios Fundamentais Norteadores do Direito de Família. Belo Horizonte: Ed. Del Rey, 2006.

Projeto SEM NOME DO PAI. FAPERJ. 2011.

RODRIGUES, Mariana Leal. Entre receitas e simpatias, doces, venenos: o uso do vídeo na pesquisa com mulheres de 60 anos ou mais. In: PEIXOTO, Clarice E (org.). *Antropologia e imagem, Narrativas diversas*. 1 vol. Rio de Janeiro: Ed.Garamond Universitária, 2011, p.37.

SCHNEIDER, David. *American Kinship: A cultural account*. EnglewoodCliffs, Prentice-Hall. 1968.

<http://www.inarra.com.br/uploads/Tese-DO-Cesar-Carvalho.pdf>

[http://www.mp.rj.gov.br/portal/page/portal/Internet/Cidadao/Projetos/Em\\_Nome\\_Pai](http://www.mp.rj.gov.br/portal/page/portal/Internet/Cidadao/Projetos/Em_Nome_Pai)

## **Bibliografia do da Seda a chita**

- AGIER, I. Michel. A cultura das cidades como mestiçagem. IN: Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. Tradução: Graça Índias Cordeiro; prefácio à edição brasileira Graças Índias Cordeiro, Heitor Frúgoli Jr. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- Carvalho, Cesar Augusto Ferreira de. Coisas de Família: Análise Antropológica de Processos de Transmissão Familiar. *Tese* apresentada ao Curso de Doutorado em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ como requisito à obtenção do grau de Doutor em Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 2005.
- COSTA, Sandra Regina S. da. O que é ser novo na baixada fluminense: notas sobre representações da juventude entre camadas populares. In Org. Gilberto Velho e Luiz Fernando Dias Duarte. *Juventude contemporânea: cultura, gostos e carreiras*. Editora 7 Letras. Rio de Janeiro, 2010.
- DAMASCENO, Caetana Maria e DUARTE, Tatiane dos Santos. Etnografia sobre rituais de politização pentecostal e valores de gênero em um município da Baixada Fluminense/RJ. *Revista ESPAÇO PLURAL*, Ano X, n. 21, 2º. Semestre 2009, (117-126) - ISSN 15184196
- DE L. TORRES, Lilian. Programa Paulista: lazer no bexiga e na avenida paulista com a rua da Consolação. In MAGNANI, José Guilherme & TORRES, Lillian de Lucca (org.). IN: Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 1996.
- FONSECA, Claudia. *Caminhos da adoção*. São Paulo, Cortez. 1995
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- Le GUIRRIEC, Patrick. A Antropologia Urbana: convergências e divergências na França e no Brasil. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil. 11p. Disponível em <[http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/mesas\\_redondas/trabalhos/MR%2027/Patrick%20Le%20guirriec.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/mesas_redondas/trabalhos/MR%2027/Patrick%20Le%20guirriec.pdf)>. Acesso em 24 de setembro de 2012.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.) A escrita da história: novas perspectivas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp, 1992, p. 133-161.

PEIXOTO, Clarice E. Filme (vídeo) de família: das imagens familiares ao registro histórico. In: PEIXOTO, Clarice E (org.). *Antropologia e imagem, Narrativas diversas*. 1 vol. Rio de Janeiro: Ed.Garamond Universitária, 2011, p. 9-24.

Projeto SEM NOME DO PAI. FAPERJ. 2011.

REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social”. In: \_\_\_\_\_.Jogos de escalas. A experiência da microanálise. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998, pp.15-38.

RODRIGUES, Mariana Leal. Entre receitas e simpatias, doces, venenos: o uso do vídeo na pesquisa com mulheres de 60 anos ou mais. In: PEIXOTO, Clarice E (org.). *Antropologia e imagem, Narrativas diversas*. 1 vol. Rio de Janeiro: Ed.Garamond Universitária, 2011, p.37.

RODRIGUES, Mariana Leal. Entre receitas e simpatias, doces, venenos: o uso do vídeo na pesquisa com mulheres de 60 anos ou mais. In: PEIXOTO, Clarice E (org.). *Antropologia e imagem, Narrativas diversas*. 1 vol. Rio de Janeiro: Ed.Garamond Universitária, 2011.

TRAJANO FILHO, W. Introdução. In: *Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional*. Brasília: Athalaia Gráfica editora, 2010.